



Topologias de um ponto: A Cultura como Tradução e a Cidade-Hotspot

Paulo Castro Seixas

e-Working Paper N.º5

Topologias de um ponto: A Cultura como Tradução e a Cidade-Hotspot

Paulo Castro Seixas

CAPP /ISCSP/UTL

Resumo:

Apresenta-se a 'cultura como tradução' em função de diversos mecanismos e de diversos momentos, caracterizando-a, em função das suas utilizações, principalmente na 2ª metade do século XX e início do XXI, como uma tecnologia em processo. Considera-se a cidade como um exemplo central de cultura como tradução genealógica e teleologicamente. A tecnologia digital possibilita um novo momento da cultura como tradução. Ilustra-se tal situação com o exemplo da cidade do Porto e da rede de hotspots. O hotspot é o ponto alfa em que indivíduo-cidade-mundo se unem tornando a cultura como tradução a partir daí como topologias de um ponto.

Palavras-chave: Cultura como tradução; tecnologia digital; cidade

1. A Cultura como Tradução

O axioma de que partimos neste texto é o de que a Cultura (entendida no sentido antropológico) é Tradução, evocando Steiner (ou purificação/crítica e tradução/mediação, se quisermos seguir Latour) e a cidade (a urb, a polis, a civitas, capital, a metrópole, a cosmopolis...) é uma evidência disso mesmo: topologias em tradução (seguindo Steiner), purificação e mediação (seguindo Latour) ou, glosando Giddens, a Cidade é uma estrutura em contínua estruturação.

A cultura é tradução (Seixas *et al*, 2011) e há vários mecanismos na tradução cultural, numa lógica que segue mais de perto Steiner, segundo topologias que se transladam: o mecanismo do reflexo que vai da imitação à mimicry e à abdução; o mecanismo da abstracção que vai da indução à dedução e à síntese/miniatura por racionalização,

configuração ou objectificação e o mecanismo da (re)produção que vai da versão à recriação e à ficção livre audio-scripto-visual. O primeiro mecanismo segue a lógica da duplicação pelo reflexo, pelo espelho, pelo duplo; o segundo a lógica da translação, pela miniatura, pelo desenho, pelo mapa, pelo objecto que faz a vez de..., pela escrita; o terceiro segue a lógica da individuação, pela intuição e invenção na colagem, citação, sobreposição, reorganização recorrendo à duplicação e...simulação e simulacro. Se seguirmos Latour, o 'trabalho de tradução' ou de 'mediação', dando origem à 'rede' é o que deriva da mobilização para a mistura de géneros entre o humano, o não-humano e o divino, que é comum nas sociedades de 'natureza-cultura' mas que foi intensificado nas sociedades 'cultura-natureza', pela centralidade da modernidade na 'crítica', ou seja, no trabalho de 'purificação' ou separação. Assim, a cultura moderna é uma cultura de tradução em que os híbridos aumentaram fortemente pela via da contínua crítica.

O processo de agência possibilita que, em determinadas conjunturas, os mecanismos de tradução, provavelmente em função do trabalho intensivo em torno de determinados temas – enfim de uma saturação (Latour diria antes uma separação) -, remodelam velhas estruturas em novos moldes. Momentos históricos da humanidade tidos como chave (o fabrico de instrumentos, a descoberta do fogo, a agricultura, a sedentarização, a cidade, a escrita, o alfabeto, o estado, o espaço virtual, o genoma humano,...) poderão ser entendidos através da noção de tradução que tem feito o trabalho de agência (ou seja sem uma consciência a não ser fragmentária da sua acção) e que, por isso, nunca se transformou (até agora) numa verdadeira Tecnologia da Tradução. O que queremos dizer é que o trabalho constante e a saturação na utilização de figuras da tradução em determinada conjuntura possibilita a emergência de novas estruturas sem que, no entanto, se tenha transformado ainda tal processo (que se pode identificar com a lógica de agência de Giddens) com uma verdadeira tecnologia.

O aumento da memória instalada em relação às diversas dimensões da realidade (crítica) e aos processos de mudança sócio-cultural (topologia em translação), a aceleração da história e, por conseguinte, dos próprios processos de agência, a

compressão espacial que possibilita uma visibilidade da tradução cultural e os novos processos de gestão da informação foram factores fundamentais para que possamos perceber e vivenciar o processo de tradução cultural enquanto processo no quadro da escala espacio-temporal da vida de uma pessoa. Para dar um exemplo, o tempo que vai da tradução translativa da vida humana num alfabeto (o genoma humano) e desta à *performance* da escrita propriamente dita ou tradução por individuação (selecção genética de embriões de um filho em função de uma doença familiar)¹ não passaram mais de 18 anos. Um outro exemplo é o tempo que vai da tradução translativa do mundo pela invenção da virtualidade da Internet à possibilidade de cada um de forma simples utilizar a mesma para escrever para todos (blogs) ou para falar com quem se quiser, onde quer que esteja (IRC)². De facto escolho estes exemplos não por acaso mas porque ambos levam a situação da tradução cultural a uma situação radical: a genética duplica, translada e, porventura até, individualiza a vida humana; a virtualidade duplica, translada e individualiza o mundo social. O modelo irónico que daqui deriva é o de um (in)divíduo processado geneticamente por máquinas e que passará a vida numa autonomia que é dependente de um mundo virtual de cujo reflexo ele se torna um reflexo. Ou seja, em ambos os casos estamos a falar, seguindo Latour, dos híbridos que juntam ciência-técnica-sociedade, exactamente as áreas que foram separadas ao longo da modernidade.

Assim, talvez pela primeira vez, podemos perceber o processo de tradução cultural e tal tenderá a tornar a tradução cultural uma tecnologia implicando a aceleração ainda maior do processo. A tradução cultural é uma tecnologia quando há uma consciência face à função de um qualquer sistema e se estabelecem as condições para a (re)produção de tal sistema (a sua duplicação ou mesmo reprodutibilidade industrial) através de mecanismos translativos (aplicação noutra nível, noutra local, noutra tempo...). A segunda metade do século XX viu a cidade ser reproduzida pelo

¹ O projecto começou em 1990, em 2003 foi anunciado o genoma humano e em 2008 uma família no Reino Unido solicitou que os embriões do seu filho fossem seleccionados de forma a excluir geneticamente a possibilidade de cancro de mama que atingia a família.

² A Internet, enquanto projecto de uso abrangente, surgiu só a partir de 1990 e o IRC (internet relay chat) surgiu logo em 1993 e o Weblog em 1997, popularizando-se o primeiro no final da década de 90 e o segundo a partir de 2000.

pleonasma, pela sinédoque na imitação miniaturizada, pela mimicry..., na City, nos centros históricos, nos centros comerciais, nos aeroportos, nos condomínios, nos parques temáticos, na cidade digital...; a segunda metade do século XX viu o Estado, enquanto sistema, a ser reproduzido de forma massiva, uma vez que 4/5 dos Estados actualmente existentes (160 em 200), emergentes também pela duplicação miniaturizada, irónica, etc, foram criados após 1945; a segunda metade do século XX viu a lógica do sistema regional, assim como do sistema supranacional a ser duplicada sucessivamente; a segunda metade do século XX viu o inglês tornar-se uma língua que se foi replicando expansivamente como língua de tradução global; a segunda metade do século XX viu o mundo reproduzir-se virtualmente em todos os campos e em todos os espaço-tempo;... Tal processo de reprodutibilidade, urbana, estatal, regional, supranacional, linguística..., auxiliado pela reprodutibilidade da própria técnica, evidenciam que a tecnologia da tradução está já em acção e que ela é uma das – senão mesmo a – agência da globalização.

Em todos estes processos, a hipótese que podemos desenvolver é a de que a cidade e a escrita são duas figuras topológicas, genealógicas de muitas, senão de todas as traduções que se sucedem e em que a teleologia é a da sobreposição, num qualquer ponto, do mundo, da cidade e do indivíduo.

2. A cidade como figura genealógica e teleológica

A própria origem da cidade enquanto estrutura espacial relaciona-se directamente com a tradução de um mundo organizado na oralidade para um mundo organizado pela escrita. Como diz Giddens:

“São os recipientes que armazenam recursos alocativos e autoritários que geram os principais tipos de princípio estrutural na constituição da sociedade [...]. A armazenagem de informação, desejo argumentar, é um fenómeno fundamental que permite o distanciamento tempo-espaço e um encadeamento que une as várias espécies de recurso alocativos e autoritários em estruturas reproduzidas de

dominação. A cidade, que sempre só se desenvolveu em conjunto com a elaboração de novas formas de armazenagem de informação, sobretudo a escrita, é o recipiente ou o “crisol de poder” de que depende a formação de sociedades divididas em classes.” (Giddens, 1989: 213)

A concepção da cultura como tradução leva a considerarmos que a própria cidade seja uma tradução da cultura como um todo, ou seja, a cidade é metáfora da cultura. Dito de outro modo, o alfabeto e a escrita possibilitaram uma tradução linguística da cultura, enquanto a cidade possibilitava uma tradução semiológica da mesma. Esta ideia de que a cidade traduzia a cultura no sentido de a “transladar ou mover lateralmente, avançar de um ponto para outro num plano nivelado” (Steiner, 1998: 492) pela aglutinação da mesma num local é também o que Giddens parece querer dizer-nos quando cita Munford, o qual expressa exactamente esta ideia:

“O começo da vida urbana, a primeira vez que a cidade propriamente dita se torna visível, foi marcado por um súbito aumento de poder em todos os departamentos e por uma ampliação do papel do próprio poder nos assuntos dos homens. Uma variedade de instituições existiria antes separadamente, reunindo seus membros num local comum de encontro, a intervalos periódicos: o acampamento dos caçadores, o monumento sagrado ou santuário, a caverna ritual paleolítica, a aldeia agrícola neolítica – tudo isso se aglutinou num lugar de reunião maior, a cidade. [...] A forma original desse recipiente durou cerca de seis mil anos; só há alguns séculos começou a se desintegrar”. (Munford, cit in Giddens, 1989: 213)

Giddens refere que a desintegração do modelo se relaciona com a emergência dos Estados-Nação como nova realidade. Apesar de tal não ser completamente errado, talvez agora estejamos em melhor condições para perceber que a desintegração daquele modelo se relaciona antes com o alargamento progressivo no espaço daquele modelo, passando a semiótica urbana a ser uma linguagem compreensiva num cada vez mais largo espectro. Assim, a civitas traduziu-se em capital de Estado-Nação, em metrópole colonial e, finalmente, em cosmopolis. Ao mesmo tempo que tal processo se dava aumentava a competência de manipulação da semiótica urbana como

linguagem específica sendo possível recriá-la onde quer que seja (do Deserto aos Pólos) e sendo também possível resgatá-la num único equipamento (das utopias corbusianas aos parques temáticos, aeroportos e hotéis actuais).

Na explicação da transição descrita como modernidade tardia, pós-modernidade, globalização, planetarização ou de outra qualquer forma, um aspecto parece repetir-se: a centralidade da cidade como lugar de tradução/negociação do sentido e da forma das novas relações sociais. De Castells a Hannerz, de Saskia Sassen a Appadurai, de Robertson a Virilio, de Davis a Harvey, etc, é na cidade que se joga a nova transição. Propõe-se aqui que esta transição implica o *upgrade* da tradução linguística (ela própria entre a oralidade e a escrita) para uma tradução semiológica ou cultural cada vez mais global (entre a escrita e a pluralidade de códigos semiológicos) associada à passagem de uma comunicação bidimensional para uma comunicação tridimensional. Uma primeira hipótese aqui apresentada é a de que, nesta transição, a arquitectura e o urbanismo constituem códigos semiológicos centrais. A genealogia da tradução arquitectónico-urbanística é longa, uma vez que o mais elementar dos elementos arquitectónicos (o bastão/pilar que se espeta no solo indicando o lugar onde se vai ficar um período de tempo) é, em si mesmo, uma metáfora da vida nas suas três dimensões, infra-terrestre, terrestre e extra-terrestre. No entanto, a emergência da cidade como fenómeno hegemónico é, porventura, um primeiro momento em que os códigos semiológicos (arquitectónico-urbanísticos) se estruturam num espaço-tempo concreto que reflecte vivências anteriores dispersas. A forma da cidade, determinados equipamentos urbanos (o mercado, o centro político, equipamentos religiosos, etc.) e determinadas cidades (cidades imperiais) foram-se constituindo como cada vez mais traduzíveis interculturalmente. No entanto, a industrialização e as suas três revoluções (da máquina a vapor, do motor de explosão e da máquina virtual) tornam a cidade como uma linguagem cada vez mais intercultural, já não a um nível nacional ou imperial mas cada vez mais global.

Ou seja, a uniformização do espaço-tempo passou a uma lógica em que a arquitectura e o urbanismo transitam primeiro para um modelo panóptico e deste para um modelo heterotópico (usando os dois conceitos de Foucault) ainda que ambos coexistam no

espaço, o primeiro porventura em zonas mais ‘desconectadas’ do mundo e das cidades e o segundo como modelo das zonas mais conectadas, incluindo, ainda assim, o primeiro (Seixas, 2003). Ou seja, existe cada vez mais um ‘urbanismo genérico’ e uma ‘cidade genérica’ (referida por Sorkin e Koolhaas cit in De Cauter, 2004) e as zonas que não seguem este código semiológico arquitectónico-urbanístico, ficam desconectadas. Este urbanismo genérico, tipicamente heterotópico, implica um padrão de comunicação experiencialmente arquitectónico e urbanístico primeiro, mas cada vez mais virtual.

Surge, assim, uma segunda hipótese: a de que, com os novos recipientes de acumulação de informação, a rede e os terminais digitais estabelecem a relação necessária entre um único ponto no espaço e o planeta como um todo, atingindo-se com tal possibilidade o objectivo inerente à própria semiótica urbana, a ideia de *urbe et orbi* (cidade e mundo). A cidade-mundo passou a estar num ponto que coincide com o indivíduo-cidadão (em potência pelo menos). Se na semiológica arquitectónica e urbanística tendencialmente global a identidade humana era já função da mobilização que cada um podia fazer face ao espaço em seu redor e à sua circulação no espaço, tendo-se o tempo tornado cada vez menos relevante em função da velocidade (Harvey, Virilio), com a comunicação virtual, o espaço torna-se também cada vez mais plano, é cada vez mais suprimido/substituído pela sua simulação e simulacro. Os hotspots são, agora, a nossa relação espaçotemporal privilegiada (quem não está online, não está) e nós somos cada vez mais híbridos. O híbrido homem-máquina onnipotente e onnipresente é, por um lado, a mistura de géneros entre humanos, não-humanos e Deus, a tradução que a modernidade criticou e, por isso, acelerou, segundo Latour. Mas é também uma topologia da tradução impossível e compulsiva que acompanha a humanidade e retratada nos mitos das mais diversas culturas como o mito do paraíso e o de Babel na nossa, se quisermos seguir antes Steiner e Derrida. Com a cidade-hotspot e o híbrido homem-máquina atingimos a tradução virtual urbano-planetária. O novo tecido urbano-planetário é feito de instituições, cada vez mais de lazer e trabalho como o Facebook, o Plaxo, o YouTube; o Second Life; etc.

3. Aleph: O hotspot e o híbrido como elementos da cosmopolis

A comunicação urbana tem sido um elemento fundamental e em que se passou de uma comunicação fundamentalmente *bidimensional*, feita no lugar e entre lugares de proximidade, para uma comunicação urbana *tridimensional*, de relação com outros urbanismos no mundo. É verdade que a modernização urbana e industrial tinha já implicado a existência de uma arquitectura e um urbanismo que reproduzia um mesmo modelo. Foi o que Foucault denominou panoptismo, disciplina mecanismo ou disciplina generalizada que diferencia o ver e o ser visto e, em função da qual se criou uma topologia quasi-isomórfica que intersectava (e ainda hoje relaciona) desenhos aparentemente diferenciados como o urbanismo radiocêntrico (feita de ruas e praças), o desenho arquitectónico circular (tipicamente de hospícios), o desenho semi-circular ou quadrado/ rectangular mas, de qualquer forma, para um uso que corresponde a uma visão de controlo semi-circular (salas de aulas, salas de audiências, enfermarias, etc) e o desenho arquitectónico em corredor (da cadeia de montagem, do bairro operário, etc). Esta lógica topológica acelerou-se na modernidade avançada e sobre a topologia panóptica construiu-se uma outra topologia a que Foucault também deu nome: a topologia heterotópica. Esta topologia sustenta-se já não no desenho urbanístico ou/e arquitectónico de áreas e no controlo sustentado na diferenciação entre ver e ser visto mas antes nas possibilidades de acumulação de vectores em torno de um único ponto e na diferenciação entre ilusão sensível e compensação racional. Foucault caracterizou a heterotopia como o inverso da utopia por ser um lugar que existe e que inclui todos os demais lugares. Esta lógica que no mundo moderno tinha referências específicas (a biblioteca como compensação racional; o bordel como ilusão sensível), na modernidade avançada deu origem a um processo mais complexo que une essas duas vertentes num 'teatro heterotópico' (Seixas, 2003) em que a ilusão sensível é um lado da moeda, em que do outro temos um planeamento racional máximo (o parque temático e o centro comercial são os modelos provavelmente mais evidentes criando a cidade fora da cidade e o centro da cidade fora de qualquer centro). A produção do ponto alfa (o aleph de Borges) é agora, cada vez mais, uma

tecnologia e aplica-se a quase qualquer âmbito, transformando-o num elemento topológico por excelência: um edifício, um bairro, uma cidade, um país ... uma pessoa pode ser um ponto... ou, simplesmente, não ser, quer dizer, não ter existência. Assim, a comunicação humana (tipicamente urbana) na modernidade avançada pode-se definir, cada vez mais, como *topologias de um ponto*.

Tal perspectiva implica a interiorização num único ponto de processos que antes estavam separados, *purificados*, analisáveis de *per se*: aqui e além; ver e ser visto; produção e consumo; experiência e imaginação; ficar e partir; desejo e temor; etc. Há cada vez mais pontos no espaço que podem ser analisados como pontos de comunicação, agregando aqueles aspectos que a modernidade separava: o indivíduo ao computador, ao televisor, ao telemóvel³; o indivíduo no Hotel (e, cada vez mais, por extensão, no centro comercial, no condomínio, na multinacional, etc); o indivíduo no aeroporto (e, por extensão, cada vez mais, na praça urbana, no Hotel...); o indivíduo no avião (e, cada vez mais, por extensão, no carro, no aeroporto, no hotel, ao computador...). A topologia do ponto é a que tende sempre a canibalizar os vectores comunicacionais num único ponto...indefinível: alguém durante o voo, numa escala entre voos, num hotel de aeroporto, ao computador gerindo o seu avatar na second life. Mas essa situação é cada vez mais uma situação quotidiana de relação humano-máquina, híbrida.

4. O Porto Digital . Elementos provisórios em torno de um estudo de caso

A patrimonialização (1996 – World Heritage), a requalificação (2001 – Capital Europeia da Cultura e 2004 – Euro 2004) e a digitalização (2008 – extensão dos hotspots) globalizante da cidade do Porto foram o culminar de processos de comunicação e

³ Veja-se a importância que têm sites como o ‘facebook’, ‘myspace’ e outros que utilizam a lógica de espelho e a importância de ‘formatos’ televisivos como o ‘big brother’ ou ‘confissões’ (este com vários tipos). Finalmente o telemóvel revela a tendência de miniaturização de tecnologia sendo este, cada vez mais, uma mescla de computador, televisão e telefone; enfim uma verdadeira incorporação da tecnologia tornando-a, de facto, num único ponto. O mesmo aconteceu, de certo modo ainda que num grau menor, com o relógio.

urbanismo que, ao nível privado, já se tinham feito sentir desde o final dos anos 80 como a condominação e a hipermercadorização da cidade e, nos anos 90/2000, com a litoralização (Programa Polis) e novas centralidades.

A região metropolitana do Porto viu o número de centros comerciais e de condomínios residenciais aumentar exponencialmente nos últimos 20 anos, desde a construção da primeira grande superfície do país em 1985, o Continente de Matosinhos. Em alguns casos (a ‘cidade das Antas’; a zona da ‘Arrábida’; a zona do Ikea...) as grandes superfícies e/ou os centros comerciais são os pólos agregadores de novas centralidades, de novas micro-cidades na extensão metropolitana. Noutros casos (Foz do Porto; Marginal de Leça; Marginal de Gaia; zona nobre da Maia) são os condomínios fechados ou reservados que se constituem como pólos de novas centralidades e é provável que o mesmo (de forma mais tardia) esteja a acontecer com determinadas funções laborais (Zona industrial em Ramalde; Zona industrial chinesa em Vila do Conde; campus universitário em Paranhos; Cidade da Justiça em Cedofeita; etc).

Com o projecto Porto Digital (<http://www.portodigital.pt>) iniciado em 2004, o Porto parte para um segundo momento de comunicação urbana, na qual em acumulação a uma semiótica arquitectónica propiciadora de comunicação transnacional (com a hipermercadorização dos anos 80, a condominação dos 90, a patrimonialização mundial em 1996, a europeização das praças burguesas com a Cidade Europeia da Cultura em 2001, a cidade-espectáculo do euro 2004, a arquitectura-espectáculo da Casa da Música, inaugurada em 2005; sendo, porventura, ainda de acrescentar as residências Erasmus e os hotéis low cost ou juvenis nos anos 2000, assim como os centros culturais metropolitanos, como o Maus Hábitos), cria-se uma infra-estrutura para a vinculação comunicacional transnacional da cidade do Porto.

“O Porto poderá, assim, contar com a maior rede wireless mesh gratuita da Europa.” (<http://www.profitecla.wewebit.biz/index.php/Blog/Cidade-do-Porto-com-acesso-wireless-gratuito.html>). No Concelho do Porto há (ou havia, porque o presente neste caso é logo passado) 55 hotspots e no Distrito há 131 (ver Quadro I). No entanto, com

o projecto Porto Digital, todo um conjunto de áreas urbanas passarão a ter tecnologia Wi-Fi, possibilitando que o indivíduo possa estar ‘conectado’ em cerca de 50 pontos da cidade do Porto. A cidade-hotspot está agora em construção, já com acesso wi-fi ou em breve na Avenida dos Aliados, Palácio de Cristal, Parque da Cidade, na envolvente ao Edifício Transparente, Jardins de Serralves, na Praça D. João I, na Casa da Música, na Rotunda da Boavista, entre outros espaços.

Quadro I – Principais Hospots no Concelho e Distrito do Porto

Locais	Número Concelho	Número Distrito
Estações de CTT	13	38
Hoteis	15	26
MacDonalds	7	17
Centros Comerciais	4	6

Fonte: in <http://www.pcdebolso.com/hotspotsZona.asp?distrito=Porto>

Como se repara no quadro I os hotspots no Concelho e Distrito do Porto coincidem, grandemente com locais de passagem, porventura podendo-se mesmo considerar não-lugares segundo a denominação de Marc Augé. Os demais, não referidos, e em menor número, seguem a mesma lógica: são estações de serviço de auto-estradas, estações de comboios, estádios de futebol; havendo apenas algumas escolas, praças, jardins e centros de negócios. Ou seja, o hotspot, propiciador do híbrido homem-virtual, está, na malha urbana, ainda muito associado a espaços de passagem. O espaço de passagem traduz-se em hotspot e o hotspot traduz os espaços em que se inscreve em espaços de passagem.

5. Topologias de um ponto

As estratégias urbanísticas semi-planeadas evidenciam a construção da cidade como sistema de heterotopias, quer estas tenham a sua origem no consumo (a moeda como padrão), na produção (a burocracia como padrão) ou na habitação (a família como padrão). Mais, estas heterotopias tendem a assemelhar-se cada vez mais (como se, para evocar Durkheim, a solidariedade mecânica estivesse de volta em substituição da

orgânica), todas elas seguindo o modelo da cidade genérica em que o espaço público urbano parece seguir o modelo do 'Átrio' e o urbanismo seguir o modelo do Aeroporto e do Hotel, nas suas lógicas 'capsulares'. Seguindo estes modelos empíricos ou outros, o processo em curso parece evidenciar uma padronização da experiência no espaço-tempo que sucede à padronização dos valores do espaço-tempo atingidos em função da hegemonia da velocidade dos transportes por um lado e das telecomunicações por outro como refere Virilio (2000), criando um terceiro intervalo para além da Extensão e da Duração: o da Velocidade Limite (2000a: 31 a 45). É este novo intervalo que leva à inércia ou seja, à mobilização total mas, cada vez mais, no mesmo lugar.

É, exactamente, a comunicação urbana que está a tornar a transição genérica heterotópica do espaço-tempo contemporâneo mais evidente, ao estar a mudar de um padrão *bidimensional*, compreendida em função de um plano, fosse ele horizontal (comunicação face-a-face no grupo primário) ou vertical (comunicação no grupo secundário, formal), para um padrão *tridimensional*, ou seja ao estar a instituir-se a telecomunicação como comunicação de proximidade, sendo a comunicação urbana colonizada pela telecomunicação planetária. Quer dizer, as distâncias que superámos pela telecomunicação passam a impor-se cada vez como mais banais na nossa comunicação em grupos primários e secundários. Ou seja, em cada uma daquelas heterotopias urbanas torna-se mais fácil (entre colegas de trabalho, entre vizinhos e mesmo dentro da mesma casa e, evidentemente, em lugares públicos entre amigos ou meros conhecidos) o contacto via telemóvel ou sms, email ou Messenger. Este sistema de comunicação equipara cada vez mais aquelas três áreas da vida, ou seja numa tradução cultural em que o consumo, a produção e o mundo doméstico são comutativos. Pela via da generalização planetária da heterotopia, a experiência passa cada vez mais a ser similar em vários locais do planeta, sendo o Aeroporto, o Hotel e o Átrio os lugares/não-lugares onde se podem encontrar todas as diferentes funções (consumo; trabalho; família) sem paradoxo. Assim, torna-se expectável que o Aeroporto seja o modelo do novo urbanismo, o Hotel o modelo do novo equipamento e o Átrio o modelo do novo espaço público na nova centralidade. Estas lógicas não impedem, antes explicam, outros resgates urbano nostálgicos (cidade típica; cidade ecológica; cidade burguesa) ou mesmo contra-urbanos (Eco-vilas) que são criados em

função, e como que enclaves, de uma 'cidade genérica' em construção. A cidade genérica da cidade-Aeroporto-Hotel-Átrio não é senão uma forma de compreendermos o urbanismo em função da cultura da cidade de 'plataformas' a que nos habituámos já como híbridos no hotspot.

É preciso ter em conta que a lógica da cultura como tradução implica que qualquer consciência tradutiva é efémera tornando o modelo encontrado rapidamente um modelo confundido pela reflexividade da própria cultura. Assim, ao mesmo tempo que se procura compreender a cultura de tradução semiológica da 'cidade genérica', esta recria-se em novas traduções heterotópicas e, para além disso, algumas das novas heterotopias (a da digitalização) parecem constituir-se cada vez mais como um novo campo de tradução com alguma autonomia. Com os novos recipientes de acumulação de informação, a rede e os terminais digitais, estabelece-se a relação necessária entre um único ponto no espaço e o planeta como um todo, atingindo-se com tal possibilidade, como já dissemos, o objectivo inerente à própria semiótica urbana: a ideia da cidade-mundo passar a estar num ponto que coincide com o indivíduo-cidadão (em potência pelo menos) através dos hotspots. Nesta nova situação cria-se uma nova semiótica e uma nova literacia em construção.

A humanidade híbrida virtual está em vias de ocupar o espaço-tempo urbano e, ao ocupá-lo, uma nova tradução cultural emerge, a tradução cultural virtual que colonizará a vivência urbana e a modificará para sempre, ainda que lentamente. A comunicação urbana será, antes de mais, uma comunicação virtual e, mais que isso, a comunicação virtual possibilita que a tradução cultural, da qual falámos no início deste texto, se transforme, de facto, numa tecnologia, tornando completamente flexível, just-in-time, a acção social; tornando tudo o que era fixo em função de constrangimentos urbanístico-arquitectónicos, de facto, cada vez mais traduzível e, portanto, portátil; tornando o mundo (agora virtual) uma simulação do não virtual e esta última, pela gradual hegemonia do primeiro, uma simulação daquele, numa hipertextualidade urbana-global cada vez mais complexa. Morpheus diz a Neo em Matrix: "Já teve um sonho, Neo, que você tinha a certeza de que era real? E se você

não conseguisse acordar desse sonho? Como saberia a diferença entre o sonho e o mundo real? “

Bibliografia

AUGÉ, Marc. 1994. Não-Lugares. Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade, Venda Nova: Bertrand Ed.

BRAUDILLARD, Jean. 1991. A Precessão dos Simulacros. In Braudillard, Jean. 1991. Simulações e Simulacros. Lisboa, Relógio d'Água.

DE CAUTER, Lieven. 2004. The Capsular Civilization. On the City in the Age of Fear. Rotterdam, Nai Publishers

FOUCAULT, Michel (1975) Surveiller et Punir. Naissance de la Prison, Paris : Éditions Gallimard

_____. 1986 "Of Other Spaces" in *Diacritics*, vol. 16 nº 1, Spring 1986

GIDDENS, Anthony. 1989. A Constituição da Sociedade. São Paulo, Martins Fontes

LATOUR, Bruno. 1997 c1991. Nous N'Avons Jamais Étés Modernes. Essai d'Anthropologie Symétrique. Paris, La Découverte/Poche.

MARTIN, Reinhold e BAXI, Kadambari. 2007. Multi-national City. Architectural Itineraries. Barcelona, Actar.

MUMFORD, Lewis. 1991. C1961. A Cidade na História. Suas Origens, Transformações e Perspectivas. São Paulo, Martins Fontes

PETTI, Alessandro. 2007. Arcipelaghi e Enclave. Architettura dell'Ordinamento Spaziale Contemporaneo. Milano, Bruno Mondadori ed.

SEIXAS, Paulo Castro. 2003. Da Máquina Panóptica ao Teatro Heterotópico. A Arquitectura, o Urbanismo e a Convivencialidade. In *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. 43 (1-2) pp 61-64, SPAE, Porto

SEIXAS, Paulo Castro; VALE, Luís e SARMENTO, Jorge Morais. 2011. A Cultura como tradução. Exercícios etnográficos em diálogo. In Clara Sarmiento (Coord.) Diálogos Interculturais. Os Novos Rumos da Viagem. Porto, Vida Económica, pp 105-120

STEINER, George. 2002. Depois de Babel. Aspectos da Linguagem e Tradução. Lisboa, Relógio D'Água.

VIRILIO, Paulo. 2000. Cibermundo: A Política do Pior. Lisboa, Teorema

_____. 2000a. A Velocidade de Libertação. Lisboa, Relógio D'Água